

BOLETIM GATE

Grupo de Acompanhamento de Temas Estratégicos do Instituto Lula



Imagem: EFF-Graphics

COMO FICA A DEMOCRACIA NO CAPITALISMO DE PLATAFORMA E VIGILÂNCIA

Nossos dados estão sendo capturados a cada instante. Tudo o que fazemos, o que acessamos, o que compramos, cada passo que damos, tudo é registrado, guardado e – claro – usado. Com esses dados em mãos, grandes empresas nos ofertam produtos, antecipam nossas vontades e são capazes até de manipular o que pensamos.

A modulação da opinião – e a consequente modulação de comportamentos, violando garantias individuais, como o acesso à informação ampla e o direito à privacidade – é uma realidade. As consequências são grandes e passam até mesmo pelo controle do que a gente vê ou deixa de ver, sem que saibamos os critérios dessa visualização.

Para entendermos melhor o contexto histórico em que nós nos tornamos a mercadoria – não apenas por nossas características sociodemográficas, mas sobretudo por nossa subjetividade (nossas vontades e nossos comportamentos) – resgatamos aqui dois conceitos importantes: *capitalismo de plataforma* e *de vigilância*.

CAPITALISMO DE PLATAFORMA

Para começar, **plataformas digitais são modelos de negócios** que utilizam de “uma arquitetura computacional baseada na **conectividade e intercâmbio de dados**” (D’ANDRÉA, 2020). O *capitalismo de plataforma* como um novo modelo de negócios pós-industrial é baseado em ferramentas e tecnologias para coleta e armazenamento de dados, tendo se tornado a principal indústria global nos dias de hoje (SRNICEK,

2017). Alguns de seus mais perversos desdobramentos são a invasão da privacidade e o direcionamento de interesses e manutenção dos indivíduos em bolhas de informação filtradas e direcionadas.

Derivado daí vemos o surgimento de uma *economia de plataforma*, que organiza os diferentes mercados na coleta, filtragem e tratamento de nossos dados, sempre objetivando criar soluções algorítmicas

que permitam a identificação de padrões de comportamento a fim de influenciar comportamentos sociais. Uma das principais estratégias para conseguir esses dados pessoais em alta escala (SRNICEK, 2017) se dá por nossa presença cotidiana, e porque não extenuante, em plataformas digitais que não são *a priori* monetizadas (ou seja, pagas pelos usuários) e por isso atraem grandes públicos (ex. Facebook).

CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA

De fato, existe hoje uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e venda de comportamento. (ZUBOFF, 2021). A estratégia de grandes empresas de tecnologia baseia-se na **mineração e análise de nossas identi-**

dades e ações — muitas vezes sem nosso consentimento —, que são então **sintetizadas em dados e usadas para prever nosso comportamento** futuro. Isso é o que a acadêmica norte-americana Shoshana Zuboff chamou de capitalismo de vigilância.

Ambas as noções se articulam à medida em que a nova economia é ba-

seada no fluxo de dados a partir do monitoramento massivo realizado pelas plataformas nas redes digitais que possibilitam a modelagem de condutas tanto em âmbito econômico (geração de dependência nos países subdesenvolvidos favorecendo a extração de riqueza de nosso país), quanto político.

E A DEMOCRACIA?

As consequências do *capitalismo de plataforma* e de vigilância na democracia são inúmeras e vão desde **influências perversas nas escolhas eleitorais** dos indivíduos, até no potencial de **participação e organização autônoma de grupos e movimentos sociais**. Cria-se um mundo virtual que se torna “real” para milhões de pessoas (a “pós-verdade”).

No nível individual, a modulação tolhe as possibilidades de que o cidadão enxergue o panorama político dentro de suas complexidades e peculiaridades. O indivíduo só tem acesso a uma parte do campo de informações. Isso porque a informação disponibilizada:

1. muitas vezes foi financiada e está ali com objetivos publicitários;
2. é de grande precisão já que se baseia em nossa subjetividade, em nossa história, algo que é viabilizado exatamente pela captura massiva de dados sobre cada um de nós.

QUEM NÃO TEM, NÃO CONSEGUE

O resultado é que **quem tem mais dinheiro consegue apresentar suas ideias** aos cidadãos e convencê-los através da repetição. **Quem não tem, não consegue**. O que pode afetar eleições de forma muito problemática. Esse processo nos remete, mas de forma ainda mais

sofisticada, à afamada estratégia de propaganda nazista, segundo a qual “uma mentira contada muitas vezes se torna verdade”.

Há ainda, nesse contexto, uma diminuição nas possibilidades de construção de uma democracia mais deliberativa, já que há a emergência

de um modelo de antagonismo que corre por fora da democracia (MOUFFE, 2017), dado que **a modulação algorítmica pré-escolhe para os indivíduos o conteúdo** que verão. O que isola aqueles que pensam diferente e **impede a troca de impressões** entre pontos de vista distintos.

MONOPÓLIO DA ATENÇÃO

Além disso, usa-se cada vez mais técnicas de monopolização da atenção a partir da **ativação de sentimentos como raiva, indignação e medo**. As consequências possíveis? Isolamento ideológico, antipolítica, discurso de ódio. Esse novo paradigma de comunicação política favorece identificações extremadas e alija uma parte do contingente eleitoral. Além de um possível falseamento de processos eleitorais, há um perigo potencial de solapamento da democracia exatamente pela **quebra dos espaços de construção de consensos** a partir das diferenças.

O grave problema das modelagens de algoritmos produzidas pelas empresas que controlam as plataformas e os aplicativos de redes sociais é que não só obtêm os dados e desenvolvem modelos psicológicos de vastos contingentes da população. Pior, **eles influenciam nossas escolhas políticas**. O ponto é, o *capitalismo de plataforma e de vigilância* faz com que indivíduos percam autonomia. Apriisionados em um aquário, eles têm **apenas as escolhas que as plataformas os permitem enxergar**.

Há evidências, por exemplo, de que houve associação de algumas plataformas, como o Facebook, à extrema direita, o que impulsionou de forma ainda não mensurada a votação que alçou de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos.

É importante, portanto, que haja a **normatização rígida** em relação à extração e uso de dados por empresas a fim de minimizar os efeitos perniciosos dessa nova lógica do capitalismo em relação ao mercado, mas também em relação à política. **É preciso que o Estado normatize**.

O BRASIL E O GOLPE

Por fim, é preciso destacar que o Brasil encontra-se em meio a esse processo (*plataforma e vigilância*). O golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, com consequências destruidoras para a

democracia no Brasil desde então é **expressão dessa intensa, profunda e complexa modulação**. A ascensão da extrema direita ao poder a partir de 2018 tem levado a desinformação, a pós-verdade e a vigilância

ao limite. Governos e empresas têm se associado para derrogar a democracia e as esquerdas e, para tanto, se utilizam da tecnologia da informação de forma inédita.

Assinam este boletim:


[Francisco César Pinto da Fonseca](#) - Cientista social, Mestre em ciência política/Unicamp, Doutor em História Social/USP. Professor de Ciência Política na FGV/Eaes e PUC-SP.

Greiner T. M. Costa - Engenheiro, Doutor em Política Científica e Tecnológica / Unicamp).

Helga Almeida - Cientista política, Doutora em Ciência Política / UFMG e professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco /Univasf).

 [@helgaalmeidacienciapolitica](#)

Rosemary Segurado - Cientista política, professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP, editora da Revista Aurora da PUCSP, coordenadora do curso de Mídia, Política e Sociedade da FESPSP.

 [@rose_segurado](#)

Tathiana Chicarino. Cientista Política. Doutora e Mestre pela PUC-SP. Professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Pesquisadora do NEAMP PUC-SP (Núcleo de Estudo em Arte, Mídia e Política) Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Comunicação e Sociedade do Espetáculo" da Cásper Líbero.:

 [@tathichicarino](#)  [@tathichicarino](#)

Algumas referências bibliográficas se você quiser saber mais:

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos. 2020.

MOUFFE, Chantal. Sobre o político. WMF Martins Fontes, 2020.

SRNICEK, Nick. Platform capitalism. John Wiley & Sons, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância. Intrínseca, 2021.